

**Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação**

Nádia Massagardi do Rego



1290003002



FE

TCC/UNICAMP R265p

**UM PROCESSO CRIATIVO: A ARTE E OS
SIMBOLOS**

1290003002

**Campinas
2006**

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

**Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação**

Nádia Massagardi do Rego

**UM PROCESSO CRIATIVO: A ARTE E OS
SIMBOLOS**

Monografia apresentada à Faculdade
de Educação da UNICAMP, sob
orientação do Prof. Dr. Adilson
Nascimento de Jesus.

**Campinas
2006**

**Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação**

Nádia Massagardi do Rego



1290003002



FE

TCC/UNICAMP R265p

**UM PROCESSO CRIATIVO: A ARTE E OS
SIMBOLOS**

1290003002

**Campinas
2006**

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

**Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação**

Nádia Massagardi do Rego

**UM PROCESSO CRIATIVO: A ARTE E OS
SIMBOLOS**

Monografia apresentada à Faculdade
de Educação da UNICAMP, sob
orientação do Prof. Dr. Adilson
Nascimento de Jesus.

**Campinas
2006**

UNIDADE: FE
Nº CHAMADA: 100 UNICAMP
2265
3002
123/06
PREÇO: 11,00
DATA: 31.08.06
Nº CPD: 2863-1

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

R265p Rego, Nádía Massagardi do.
Um processo criativo : arte e os símbolos / Nádía Massagardi do Rego. --
Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Orientadores : Adilson Nascimento de Jesus.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1.Criação artística. 2. Processos. 3.Sinais e símbolos. 4. Inconsciente. 5.
Arte e educação. I. Jesus, Adilson Nascimento de. II. Universidade Estadual
de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-294-BFE

AGRADECIMENTOS

Nesse momento, diversas pessoas são lembradas carinhosamente.

Inicialmente, agradeço ao Adilson Nascimento de Jesus pela paciência e tranquilidade com que me guiou neste processo. Pelo cuidado e respeito.

Aos meus amigos queridos, que me acolheram e me fizeram forte para encarar este processo tão profundo e, em alguns momentos, tão difícil.

À Priscila uma gratidão imensa e especial: minha amada amiga artista. Soube me ajudar com seus questionamentos, me encorajar com sua presença.

À Maria Fernanda pelo ombro amigo nas horas de desespero.

À Leticia, Mariana, Tatiana e Luciana agradeço de todo o coração pelos momentos que vivemos nesses quatro anos de graduação. Apesar de nem sempre presentes, iluminavam meu caminho à distância.

Ao Estevon sou grata por poder partilhar as aflições neste caminho de descobertas.

À Liliana Abeid agradeço à disponibilidade para ler meu trabalho.

Ao Marcos, meu artista querido, presente nas crises de choro, nos momentos de felicidade, sempre presença de respeito e amor. Juntos fomos descobrindo sentidos para a arte.

À minha família devo minha imensa gratidão. Pelos anos de estudos que me proporcionaram, pela calma com que me aturaram, pela persistência com que me educaram.

Enfim, devo agradecer a todos que estiveram presentes em minha vida e que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho

“Onde o mundo interior e o mundo exterior se tocam. Aí se encontra o centro da alma”

Novalis

RESUMO

Esse trabalho busca fazer uma reflexão sobre os símbolos evocados num processo criativo artístico. A pesquisa foi realizada a partir do desenho como forma de expressão sensível, dentre as possibilidades de expressão artística. O desenho corporifica os conteúdos inconscientes, que são inefáveis. Ao fazer um estudo dos símbolos que as produções plásticas contém, permite-se que se possa compreender um pouco sobre essa realidade inconsciente. Dessa forma, estabelece-se um diálogo entre esta e a consciência, aproximando o indivíduo de sua Totalidade.

Para a realização deste processo foram considerados sonhos, sensações, vivências e imagens plásticas criadas. Destas, selecionou-se uma série sobre as quais realizou-se um estudo dos símbolos manifestados. Ao amplificar as imagens e vislumbrar as inúmeras possibilidades de compreensão dos símbolos, tem-se uma ampliação da consciência do próprio indivíduo.

Palavras-chave: Processo de Criação; Símbolos; Inconsciente.

ÍNDICE

1. Apresentação.....	Pág. 05
2. Introdução.....	Pág. 07
3. Pensamento sensível.....	Pág. 11
4. Reflexões sobre as imagens seleccionadas e sua amplificação.....	Pág. 14
4.1 Os quatro símbolos fundamentais.....	Pág. 30
5. Considerações Finais.....	Pág. 37
Bibliografia	Pág. 40

1. APRESENTAÇÃO:

“Sim, eu quero saber. Saber para melhor sentir, sentir para melhor saber.”
Cézanne

Razão e emoção não podem ser cindidas. Ao contrário, estabelecem uma relação de interdependência- contrariando o que comumente se pensa. Este trabalho expressa uma necessidade de aliar minha percepção sensível à elaboração de um trabalho acadêmico, que é reconhecido por seu aspecto intelectual.

Este é apenas a corporificação de um movimento que é imenso em que estabeleço contato com uma parte de mim expressa na experiência artística. Através dela, posso me aproximar da plenitude, e superar os limites postos pela linguagem verbal. Posso dar vazão à minha sensibilidade. É uma tentativa de aproximar minha dimensão racional à sensível.

As vivências artísticas possibilitaram-me um olhar mais apurado sobre eu mesma, pois senti-me ampliando os limites do pensamento racional.

Busco neste trabalho refletir sobre meu processo criativo que tornou latente essas percepções. Para isso apresento algumas imagens que produzi, as quais selecionei intuitivamente, sem julgamentos. Elas dizem o processo. Ao refletir sobre elas torno meu conteúdo inconsciente acessível à consciência.

No primeiro capítulo apresento meu caminho, refletindo sobre os aspectos experienciados. Ao referir-me à uma experiência artística, busco definir o conceito que tenho de arte. Após esses esclarecimentos debruço-me sobre minhas produções plásticas em uma tentativa de perceber seus simbolismos, amplificando-os. No final , faço algumas considerações sobre o processo vivenciado.

Dessa forma é que busco vivenciar um “diálogo” entre os conteúdos inconscientes e conscientes, para uma percepção maior sobre eu mesma.

2. INTRODUÇÃO

“É preciso rejeitar o modelo falsamente universal de compreensão do tipo intelectualista, que consiste num encadeamento de conceitos e que passa pelo filtro da linguagem, e introduzir a idéia de uma compreensão corporal e afetiva, fundada sobre analogias pessoalmente sentidas. Compreender com o próprio corpo tanto quanto com o espírito, eis uma situação original, que coloca problemas novos para a pedagogia.”

Michel Tardy

Esse trabalho é um pequeno recorte de um processo de descoberta do que há de mais sensível em mim. Início-o sabendo que não há, no momento, uma solução para minhas inquietações, porque ele é parte de um processo: o meu processo de criação, que pode ser observado através de imagens que eu mesma criei. É a partir delas que esse trabalho se desenvolve.

As imagens tornam palpáveis um processo de sensibilização muito profundo que vivi nos últimos anos de meu curso de graduação. Seu desencadeamento foi em 2004, com a disciplina *Vivências Corporais* oferecida na Faculdade de Educação Física, UNICAMP, pelo Prof. Adilson Nascimento de Jesus. Experimentávamos um rompimento com a racionalidade acadêmica em que vivíamos, para explorarmos uma comunicação com nosso corpo, com a natureza e com nossas energias mais íntimas.

No ano seguinte, tive a oportunidade de cursar a disciplina *Educação, Corpo e Arte* da Faculdade de Educação com o mesmo professor, dando continuidade ao trabalho. Apesar da similaridade dos cursos, foram os elementos distintos que mais me comoveram: experimentamos dançar e desenhar nossas sensações, entrando em contato com o que nosso corpo e nossos sentimentos poderiam nos dizer.

Pude notar a partir desses cursos que há duas formas essenciais de percepção do mundo: a racional e a sensível. A racional reconhecemos mais facilmente, pois estamos habituados a valorizá-la e reconhecê-la como única possibilidade de contato com o mundo. Já a sensível parece relegada a segundo plano, pois apesar de ser até anterior a

outra, muitas vezes não é considerada. Busco em Junior (1981) contribuições sobre esse aspecto:

“Em nossa vida diária é algo complicado separar-se os domínios do sentir e do compreender (através de palavras), já que o pensamento procura sempre lançar sua rede conceitual aos oceanos de nossas mais íntimas sensações, procurando envolvê-las e explicitá-las discursivamente. Contudo, essa prisão simbólica criada pelo pensamento é sempre incapaz de aprisionar totalmente os sentimentos, permanecendo suas qualidades essenciais fora de suas malhas” (pg.75)

Percebi a evidente necessidade de se reconhecer o universo sensível, superando a unilateralidade do racionalismo para sentir, além de pensar o mundo, considerando-se assim, o indivíduo em sua complexidade. Com essas reflexões aflorando escolhi desenvolver o presente trabalho como forma de potencializar o processo.

No período em que iniciei este trabalho, passei por experiências profissionais que contribuíram para minhas indagações sobre o sensível.

Estive na escola onde estudei durante toda minha formação realizando um estágio, atuando diariamente com pessoas que convivi desde o início de minha vida escolar. Senti angústia por reconhecer esse ambiente com um outro olhar, notando-o bastante limitante. Senti-me sufocada, pois tive a impressão de que toda expressão criativa parecia cerceada, de forma a manter a aparente ordem e o silêncio, que significava mais do que ausência de sons, era a tentativa de calar o corpo. Tive a sensação de que a única percepção de mundo válida era a racional, notando um grande desprezo pelas experiências sensíveis.

Procurei então uma outra escola, onde o trabalho desenvolvido com as crianças parecia bastante diferente do observado anteriormente. A educação neste espaço se dava pelas experiências *sentidas e pensadas*, considerando-se o indivíduo em sua totalidade. A arte era um dos meios pelos quais isso se concretizava. Senti-me em um ambiente que parecia valorizar as múltiplas possibilidades de apreensão das coisas.

Essas vivências apimentaram meus questionamentos sobre a formação unilateral dos indivíduos, na qual o pensamento racional tem valor maior que a percepção sensível. Refletia sobre minha própria trajetória escolar, na qual houve uma grande ênfase no desenvolvimento intelectual em detrimento da exploração de minha sensibilidade.

Só anos mais tarde pude entrar em contato com a possibilidade de uma expressão que fosse livre do pensamento racional. Percebi que poderia dar forma aos meus sentimentos e sensações através do meu corpo e dos meus desenhos. Por momentos, deixei de controlar racionalmente minhas ações: desenhar com um objetivo, mas sem poder prever o final; ao invés de falar, dançar, olhar, sentir, ouvir, cheirar; observar sem buscar apreender um significado inteligível para as coisas. Foi nesse contexto que em meu Trabalho de Conclusão de Curso deixei o academicismo³ um pouco de lado para viver uma tentativa sensível de expressão.

Apesar de a visualização desse processo descrito se dar através das imagens, outros fatores que não são visualmente percebidos o compõem. Denomino-os de Procedimentos Metodológicos. Fazem parte dele: a escrita de um diário com meus sonhos, pensamentos e sensações; exploração de outros caminhos de sensibilização como peças teatrais, espetáculos de dança e filmes; minhas produções plásticas; leituras de autores que escrevem sobre esse universo sensível. Nesse momento busquei identificar elementos de minha mitologia pessoal, ou seja, imagens utilizadas por mim de forma instintiva e que são frutos de minhas experiências vividas no plano individual ou coletivo (interação com o mundo). Para esse levantamento, considerei meu signo astrológico, as cores que costumo utilizar com mais frequência, preferências musicais,

³ Junior, J.F.D.- (1991,pg.69). *"(...) as ciências humanas, com algumas exceções, têm-se descuidado da esfera do sentir enquanto forma básica do conhecimento humano. (...) Como as emoções não são objeto, como sentimentos não podem ser quantificáveis, por exprimir fundamentalmente uma maneira de ser em relação ao mundo, emoções e sentimentos deixaram de ser significativos"*

imagens com as quais costumo me identificar, entre outros. Busquei uma percepção íntima, voltando o olhar para o que pudesse ser “eu⁴”. Apreendi com esse movimento o conceito de arquétipo⁵, pois pude percebê-lo através de mim mesma.

Antes de refletir sobre as possibilidades de expressão sensível, senti a necessidade de fazer arte, aprender a me expressar artisticamente e conhecer melhor o que é a arte, uma vez que essa é uma forma de “(...) concretização dos sentimentos (não acessíveis à linguagem) em formas expressivas.” (Junior, 1981, pg.93). Por esse motivo, este trabalho está estruturado em função de minhas produções plásticas, desencadeadas por sonhos, sensações e experiências percebidas e vividas desde o início do processo. São materiais concretos que tornam palpável minha experiência artística e me permitem olhar muitas vezes, com olhares muito diversos sobre eu mesma.

⁴ Dou ênfase à palavra “eu”, pois refiro-me a um conceito que diz respeito à personalidade consciente e à realidade inconsciente, de acordo com Jung. Trata-se de uma tentativa de ampliação do termo ‘eu’ para além da compreensão deste por seu aspecto consciente, para incluir a dimensão inconsciente, que engloba a realidade individual e toda a experiência coletiva dos arquétipos.

⁵Abeid,L. (2006, pg. 51). “ *Arquétipo* na visão junguiana, é um elemento estrutural e dinâmico da psique humana. É, por um lado, inato e, por outro, formado pela experiência. Pertence ao arquétipo toda a experiência da existência humana, assim como todo seu potencial. O arquétipo é inapreensível e incognoscível, sendo percebido apenas por sua influência no indivíduo e por sua imagem arquetípica. ”

3. PENSAMENTO SENSÍVEL:

Nesse trabalho apresento uma série de imagens produzidas nos últimos 6 meses sobre as quais discorrerei para refletir sobre o meu processo criativo. Elas não foram feitas com o objetivo de servirem para este fim, mas faziam parte de um procedimento que envolvia outras experiências sensíveis. Tornaram-se o enfoque do trabalho por terem ganho uma dimensão maior e se tornarem significativas.

Como mencionado na Introdução deste trabalho, para pensar a arte senti necessidade de vivenciá-la e conceituá-las através das minhas experiências, afinal, não poderia falar dela sem que ela fosse parte do meu universo. Então, apresento aqui a minha percepção do que é arte para em seguida contextualizar meus trabalhos.

A arte é para mim uma forma de expressão que tem a ver com a experiência primária do homem de percepção do mundo: a dimensão sensível. Não se trata de uma expressão intencionalizada e sistematizada pela razão ou pelo universo consciente, mas algo que ultrapassa o controle do homem, revelando sua realidade psíquica, seu eu mais profundo.

“O impulso criativo que vem do inconsciente é poderoso e por vezes arbitrário, pois não são raros os relatos de artistas que se sentem acometidos pela arte, sendo eles apenas veículos de expressão. (...) Uma das finalidades desse processo é tornar os conteúdos inconscientes acessíveis de forma simbólica e, portanto, aproximá-los de uma compreensão, dificultando assim a cisão entre consciente e inconsciente” (Abeid, 2006,pg.61).

A arte é uma forma de expressão dos sentimentos. Difere da linguagem racional por não fazer parte de um simbolismo único e universalmente conhecido. Não é traduzível: o objeto artístico é em si mesmo. O artista pode querer dominar sua expressão artística escolhendo o tema, ou selecionando racionalmente os elementos que

compõem o trabalho; entretanto, ele não é capaz de controlar absolutamente a criação, pois esta é fruto de seu universo psíquico. É como se a criação fosse maior que o artista e o utilizasse como instrumento, dominando-o.

O homem percebe o mundo sempre através dos seus sentidos. Pensando-o formula a linguagem com a finalidade de estabelecer uma comunicação, atribuindo significados. Ao fazer arte, expressa-o. Ela amplia nossa percepção, pois através de um elemento concreto visualizamos nosso mundo sensível. Com a arte nós podemos ver a representação de nosso mundo interior.

“O artista não diz (significado conceitual) o artista mostra (os sentimentos, através de formas harmônicas). O artista procura concretizar, nas formas, aquilo que é inefável, inexprimível pela linguagem conceitual” (Junior, 1991, pg.45).

Quando o artista cria uma obra ele o faz a partir de suas experiências pessoais, do que apreendeu em seu encontro com o mundo e seus símbolos.

“Ao manipular sua própria criação, ao compor um símbolo da emoção humana, apreende, da realidade perceptiva a sua frente, possibilidades da experiência subjetiva que ele não conhece em sua vida pessoal.” (Langer Apud Abeid, 2006).

A produção artística revela então, mais do que o mundo interior do sujeito em um contexto individual, mas uma realidade coletiva.

Nessa compreensão de arte é que reflito meu processo criativo, buscando ampliar minhas imagens pessoais em um plano que é coletivo, compreendendo-as em sua simbologia.

As produções plásticas que fiz são uma forma que encontrei de tornar concreto o meu mundo sensível: tornar palpável o meu sentir. Quando as fiz, surgiram de uma necessidade de introversão⁶: foram uma forma que encontrei de jogar no papel o que

⁶ Essa tendência à introversão através da abstração nas produções plásticas pode ser compreendida em Silveira, N. (1981) e percebida através das imagens apresentadas no capítulo 4. *“A condição prévia para que a tendência a abstrair entre em atividade seria a situação na qual exista a priori inconsciente de*

estivesse sentindo, me distanciando dos pensamentos cotidianos. São também uma maneira de visualizar o que eu posso sentir. Nos meus desenhos, sem buscar interpretações, eu consigo perceber meus sentimentos expressos.

Não posso deixar de citar a importância que os meus sonhos tiveram para a criação dessas imagens. Desde que comecei a produzi-las, comecei também um diário sobre meus sonhos, onde buscava descrevê-los, contextualizando-os. Nunca consegui compreender muito bem o conteúdo deles, tampouco pude interpretá-los, mas percebi que a medida que os escrevia, eles passaram a fazer parte das imagens que compunham minha memória.

Os sonhos são, de acordo com Jung (*Apud Chevalier, 2005*): “(...)a *auto-representação, espontânea e simbólica, da situação atual do inconsciente*”(pg.844). Considero a atividade artística e o sonho intimamente relacionados, pois ambos trazem a tona os conteúdos inconscientes, diminuindo a distância entre estes e a consciência. Dessa forma, no esforço para relatar diariamente meus sonhos, estabelecia-se uma relação dinâmica entre consciente e inconsciente.

“A síntese da atividade psíquica consciente e da atividade psíquica inconsciente constitui a própria essência do trabalho mental criador”(Cahen, Roland *Apud Chevalier, pg.850*).

forte carga de libido do sujeito para os objetos. Assim potencializados, os objetos tornam-se assustadoramente inquietantes, autônomos, dotados do poder de influenciar o homem. Para defesa contra a ação mágica que os objetos exercem em tais circunstâncias, entra instintivamente em jogo a função de abstrair. A abstração, segundo Jung, consiste na produção de movimento de refluxo, de introversão da libido que está aderida aos objetos, tendo por consequência a despotencialização desses objetos” (p.17/18).

4. REFLEXÕES SOBRE AS IMAGENS SELECIONADAS E SUA AMPLIFICAÇÃO

“Traduzir-se”

Ferreira Gullar

*Uma parte de mim
é todo mundo;
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.*

*Uma parte de mim
é multidão;
outra parte estranheza
e solidão.*

*Uma parte de mim
pesa, pondera;
outra parte,
delira.*

*Uma parte de mim
almoça e janta;
outra parte
se espanta.*

*Uma parte de mim
é permanente;
outra parte
se sabe de repente.*

*Uma parte de mim
é só vertigem;
outra parte,
linguagem.*

*Traduzir uma parte
na outra parte
-que é uma questão
de vida ou morte-
será arte?*

A arte torna perceptíveis os sentimentos humanos. Ela apreende o que e a razão não capta: o sentir. Elas não encontram-se em oposição, mas em dimensões diferentes, compondo a totalidade do homem. A arte pressupõe uma ruptura com o que já está posto no mundo, pois todo ato criativo é um rompimento com tudo o que existe, para

transgredir e criar novas possibilidades para as coisas do mundo, ampliando os limites do homem.

Percebi através da expressão artística parte do universo que cabia dentro de mim e que nunca pude perceber pela linearidade do pensamento racional. Ela deu formas aos meus sentimentos, tornando-os vivos e palpáveis, mas não inteligíveis. Eis a transcendência: algo que está no inconsciente e é expresso, escapando ao domínio do ego.

Venho neste capítulo rever minhas produções plásticas, não só com intuito de buscar significados para elas ou de traduzí-las para uma linguagem acessível ao pensamento racional, mas também de reviver a experiência sensível de cada uma delas, identificando os símbolos contidos. Apresento-as uma a uma, mergulhando nas sensações a que me remetem e ampliando minha própria experiência ao compreendê-las como símbolos do meu inconsciente.

“O símbolo é (...) muito mais que um simples signo ou sinal: transcende o significado e depende da interpretação(...). Está carregado de afetividade e de dinamismo(...). Afeta estruturas mentais. Por isso, é comparado a esquemas afetivos, funcionais e motores, com a finalidade de demonstrar que, de certa maneira, mobiliza a totalidade do psiquismo(...). Isso não quer dizer que a imagem simbólica não provoque nenhuma atividade intelectual; permanece, contudo, como centro ao redor do qual gravita todo o psiquismo que ela põe em movimento.(...)Ao afastar-se do significado convencional, abre caminho à interpretação subjetiva.(...)O símbolo supõe uma ruptura de plano, uma descontinuidade, uma passagem a uma outra ordem; introduz a uma ordem nova, de múltiplas dimensões” (Chevalier, 2005, pg. XVIII).

A fim de identificar os símbolos contidos em minhas produções plásticas selecionadas, relaciono minhas impressões aos possíveis sentidos atribuídos a eles. Ressalto, portanto, que pretendo aqui apenas apontar possibilidades de sua compreensão.

A primeira imagem que apresentarei foi feita em Agosto de 2005, na página de abertura do meu diário de sonhos. É bastante rica e densa, não apenas por seu simbolismo, mas pelas sensações que hoje me traz. Parece-me expressão de meus sentimentos em meu processo apresentado neste trabalho. O movimento quase instintivo de defesa diante do contato com o universo inconsciente. O medo.

Os elementos da figura expressam com clareza os sentimentos envolvidos. A combinação dos símbolos, seus significados, tudo parece tão perfeito, que me remete à sensação do divino. Espanto-me com a riqueza da imagem que eu mesma criei. Conhecer um pouco dos símbolos que a compõe me fez perceber sua beleza.

Identifico com clareza o simbolismo da cor preta, da mandala, do centro e a presença significativa de cores fortes.

A cor preta aparece como uma imensidão negra. Remete ao caos. É um movimento ameaçador, confuso, desordenado. Forte. A mandala aparece no centro da figura, em um movimento espiral rumo ao seu interior. Parece sair de tudo o que é exterior para uma viagem profunda e intensa, iluminada por cores vivas, que fazem alvoroço, e tornam dinâmico o processo.

O movimento da mandala expressa um desejo de ordenar e restabelecer o equilíbrio diante do caótico movimento negro. Apresenta-se no centro da figura, o que reafirma essa busca. Seu movimento em espiral leva ao centro, que parece calmo, silencioso, pacífico. Identifico-o como o lugar mais seguro da imagem, que guarda e protege. Toda a combinação dos símbolos dá indícios de uma tentativa de ordenamento diante de um caos.



Fig. 1

As cores da mandala confirmam a idéia de totalidade que ela expressa. Tenho a impressão de que cada cor desempenha uma função nesse todo. O laranja ao redor sugere a proteção de todo o conteúdo no interior da mandala, fechando o círculo que iniciará o movimento em espiral. O vermelho traz força e energia vital para este deslocamento. O verde, apesar de parecer um elemento externo, parece contribuir, misturando-se ao vermelho. O amarelo, tímido, suaviza o processo.

Ao contextualizar a imagem, feita no início de todo esse processo, quando iniciei meu diário de sonhos e passei a pensar a existência de um conteúdo inconsciente, o preto dá indícios do caos vivenciado. Da amplitude e da imensidão do universo inconsciente, que parece tão perigoso e ameaçador. Apesar de dar a impressão de um movimento exterior, refere-se, de forma oposta, ao conteúdo mais interior. A mandala, sua posição na figura e seu movimento rumo ao centro, enfatizam esses aspectos e mostram uma tentativa de defesa diante da ameaça. Apontam um desejo de introspecção, de fuga rumo ao centro, de reordenamento frente ao aparente caos da inconsciência.

A segunda imagem selecionada foi feita alguns meses depois, é fruto de dois sonhos que me sensibilizaram bastante e que foram relatados em meu diário. As cores verde e vermelho estavam presentes de maneira muito significativa.

No primeiro sonho, encontrava-me em uma imensidão de águas verdes, em um mar, que me encantava por sua beleza. No segundo, o vermelho aparecia no sangue que escorria incessantemente do meu corpo, sujando minhas mãos, minhas pernas, meu rosto. Tudo muito impressionante, gerava desespero e angústia. Mesmo depois de escrevê-los em meu diário, ainda pareciam presentes, despertando em mim uma necessidade de corporificá-los de uma outra forma, além do relato. Instrumentalizada

por giz pastéis que estavam à disposição e papel crepom, tive um impulso criativo, produzindo a referida imagem.

Não consegui associar racionalmente o conteúdo do sonho à imagem produzida, entretanto, senti-me satisfeita em minha necessidade de expressão. Apesar de não estabelecer relações diretas entre o conteúdo de um e de outro, os símbolos apresentados na imagem parecem significativos e claros. Ao descobrir a relações entre eles, senti-me extasiada. Novamente encantada pela riqueza do trabalho.

Ao fazer um breve estudo da simbologia das cores verde e vermelha percebi que há entre elas uma profunda relação. Apesar de indicarem situações antitéticas (o verde sugere a tranquilidade, a água; o preto, a força, o fogo), elas sugerem uma complementaridade:

“O desencadear da vida parte do vermelho e desabrocha no verde. (...)Nessa representação muitas vezes se vê a complementação dos sexos: o homem fecunda a mulher, a mulher alimenta o homem; o vermelho é uma cor masculina, o verde uma cor feminina. No pensamento chinês é o yin e o yang o primeiro, masculino, impulsivo, centrífugo e vermelho; o segundo, feminino, reflexivo, centrípeto e verde; o equilíbrio de um e outro é todo o segredo do equilíbrio entre o homem e a natureza” (Chevalier, p. 939).

Assim, não por acaso apareceram em sonhos consecutivos e se fizeram tão presentes, gerando a necessidade de serem expressas em minha produção plástica.

O verde, que no sonho indicava um aspecto positivo, o mar, a calmaria, tomou forma e movimento na imagem, mantendo o aspecto positivo e a magnitude. Dá-me a impressão de caos, de um movimento desordenado. Apesar disso, o caos da cor verde, dá a sensação de que é dali que brota a vida. Essa sensação pode ser confirmada pelo simbolismo da cor verde que está associado ao despertar da vida e à esperança.

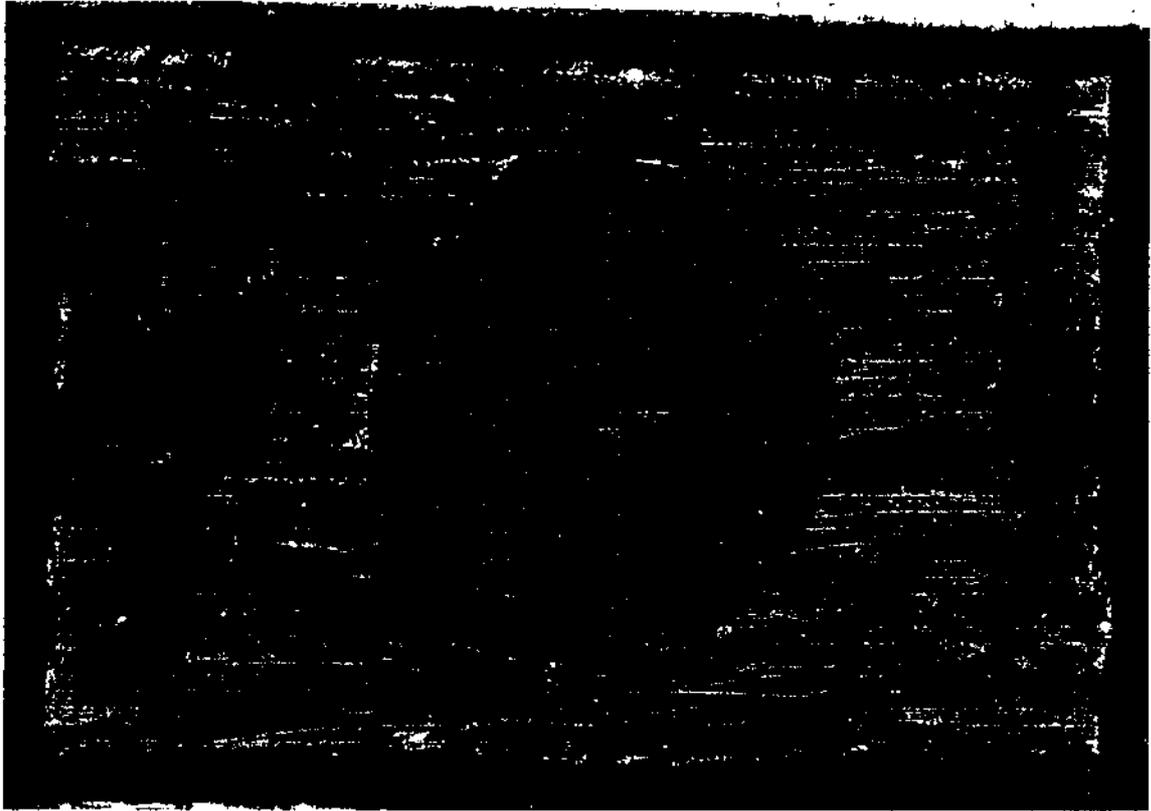


Fig.2

A cor vermelha, dependendo de sua tonalidade pode expressar vida, alma, libido, brilho, ou o fogo, o sangue, a morte e, ao mesmo tempo, a imortalidade, no Extremo Oriente. No sonho apareceu sob a forma de sangue, como algo negativo, gerando desespero. Já na imagem, ele está dividido em cinco figuras diferentes que remetem a diferentes simbolismos.

Assim como na primeira imagem apresentada, a cor preta também está presente nesta figura, mas dessa vez, como uma delimitação do espaço, que parece proteger o que está dentro dela. Dessa vez, não remete ao caos, mas justamente a um impulso de contê-lo. Remete à promessa de vida renovada.

O vermelho aparece inserido no verde. Está no centro, em forma circular, dando a impressão de tentar conter a cor verde. Novamente, identifico a presença da centralidade, como no desenho anterior, e do circular, que antes tinha forma de mandala. O simbolismo do círculo pode ser associado à proteção daquilo que ele limita, o que parece identificado nessa situação. Apesar de o círculo vermelho indicar uma tentativa de conter o movimento do verde, há indícios de seu possível fracasso, pois seu centro, disforme, parece carregado pelo movimento intenso.

Há também um círculo menor em um dos cantos da figura que tem a forma de laço que parece compensado por um triângulo no canto oposto. O laço é símbolo da reconstituição da unidade perdida e do movimento incessante de evolução e involução através do humano e do cósmico. O triângulo, quando com a ponta para cima, simboliza o fogo e o elemento masculino; quando para baixo, a água e o feminino. Se equilátero, na tradição judaica, simboliza Deus: é a divindade, a harmonia e a proporção. Apesar de não estarem em oposição, dois segmentos pesam em cada um dos lados indicando uma harmonia.

Esse imagem parece dialogar com a anterior: enquanto a primeira indicava um estado de agitação, uma busca desesperada pelo equilíbrio; a segunda parece acalantar, trazer esperança de que do caos surgirá a vida em breve.

As figuras expostas até então parecem dialogarem entre si, dando uma idéia de totalidade: parecem “fotografias” do meu estado psíquico em momentos diferentes. A impressão é de interdependência entre elas. É interessante notar que isso se mantém nas imagens posteriores.

A imagem seguinte retorna, à primeira vista, ao caos da imagem inicial. Elementos diversos se misturam, em um ambiente desorganizado que parece em construção e em demolição, ao mesmo tempo. Parece haver poeira, sujeira. Tudo indica uma desordem generalizada.

As mandalas trazem formas diferentes e parecem significar coisas também diversas. Uma tem o formato circular, feita de dentro para fora, sua ilustração tem anjos e estrelas, num aspecto celestial. É suave e doce: em um movimento que parece fugir do caos. Já a outra mandala, que parece um túnel quadrangular, indica um mergulho para dentro de toda a confusão. Ela é composta por tiras de palavras recortadas, que estão desordenadas, contribuindo para a desorganização do espaço. Parecem vozes que falam sem cessar, sem uma sintonia, sem escutar as demais.

Assim como nas produções anteriores, a mandala surge no estado caótico da imagem, aparentemente, para o restabelecimento da ordem. Entretanto, há um elemento novo: o formato quadrangular, desenvolvendo-se em um labirinto que leva ao próprio caos. Também as palavras que a ilustram sugerem a manutenção deste, ao invés de o apaziguamento. Entretanto, o simbolismo da mandala quadrangular representa o reconhecimento da integridade que a mandala circular retoma em seu movimento.

Enquanto uma é a tentativa de equilíbrio em si; a outra indica a percepção deste equilíbrio restabelecido.

Já a outra mandala parece confirmar sua função ordenadora por sua ilustração celestial. É como se assegurasse-se o restabelecimento da tranquilidade em oposição à desordem.

Uma terceira imagem no canto da figura tem um formato circular e sugere uma mandala. Mas, diferente das demais, não completa o movimento, que é interrompido por uma bela flor vermelha. Ela surge apaziguando o ambiente. Nasce: silencia, suaviza, purifica.

A flor é símbolo de passividade, do amor, da harmonia. No simbolismo tântrico-taoísta, a flor indica um estado espiritual, denominado *floração*: “*a floração, é o retorno ao centro, à unidade, ao estado primordial.*” (Chevalier, p. 437). Além disso, as flores podem representar a alma, o centro espiritual.

No canto oposto da imagem, há uma tarja preta. Parece tentar conter o movimento- como fez na imagem anterior à essa- entretanto, sem sucesso.

Ao lado da flor, no canto oposto à mandala quadrangular, há uma cruz com dois braços transversais, também estampada por pedaços de palavras desordenadas. Trata-se de uma Cruz de Caravaca. Na tradição cristã, diz-se que ela teria um aspecto sagrado por conter um fragmento da cruz original em que Jesus Cristo foi crucificado. Recebe o nome também de cruz de Lorena, quando proveniente da Grécia. Seu simbolismo está contido no da cruz que, de modo geral, é referente à totalidade do cosmo.

Quando criei a imagem, eu vivenciava um período que parecia realmente caótico, sentia-me muito aflita com meu cotidiano, com um turbilhão de idéias e pensamentos que se atropelavam e que pareciam me atropelar. Sentia-me bastante confusa e perdida. Nos dias que antecederam essa criação, sonhei que estava perdida em

ruas e quarteirões, dando voltas, sem conseguir chegar ao lugar pretendido. Sonhei com labirintos escuros, ruas sombrias. Por diversas noites esses sonhos se repetiram, apontando para uma necessidade de sair do caos. A figura, apesar de, inicialmente, aparentar um estado caótico desesperançoso, parece satisfazer essa necessidade logo que se reconhece a riqueza dos símbolos que ela contém.

A última produção selecionada é a com que mais me identifico. De alguma forma, me toca e me define. Desnuda-me. Traz elementos bastante diversos, que aparentam pouca expressão no contexto do desenho todo, mas carregam fortes significados. Dá, ao mesmo tempo, uma idéia de continuidade e síntese em relação às imagens anteriores.

O processo de composição da imagem foi bastante denso, alternado por momentos de tranquilidade, tensão e êxtase criativo. As imagens e materiais utilizados foram escolhidos em momentos diversos, compondo aos poucos essa expressão maior. Ao finalizar, apesar de grande satisfação, abateu-me uma terrível dor de cabeça, acompanhada de mal-estar físico, certamente explicados pelo grande teor das imagens.



Fig.4

A bagunça que sugeriria o mosaico, ao contrário, parece muito harmônica. As cores desordenadas tornam-se vivas e dão movimento à imagem. Misturam-se, mas mantêm-se com suas singularidades. Há vida.

No centro, ao contrário, algo tétrico e macabro se expressa a partir de uma grande borboleta presa por uma das asas. Ela está no centro dentro de dois círculos concêntricos (um preto grande e um vermelho contido nesse), em um fundo que também é preto. Parece que ela tenta fugir desse lugar negro e vazio, mas é presa. Os círculos estão bem definidos por suas cores e formas, imprimindo uma densidade à imagem.

A borboleta é o símbolo da alma, da psique. Para a psicanálise, ele representa o renascimento. No desenho, ela tem uma das asas presas o que me faz indagar se minha alma não estaria “aprisionada”, bem como a borboleta no centro do círculo.

O renascimento expresso no simbolismo da borboleta pode ser acrescido ao do centro, dos círculos e das cores.

Enquanto uma é a tentativa de equilíbrio em si; a outra indica a percepção da equilíbrio. As cores vermelha e preta associadas, de acordo com a tradição de alguns povos indígenas, indicam que o homem tem a alma vermelha e o espírito preto. Se considerarmos o simbolismo das cores separadamente temos, de acordo com Jung, que o preto “*é o lugar das germinações; é a cor das origens, dos começos, das impregnações, das ocultações, na sua fase germinativa, anterior à explosão luminosa do nascimento*”(Chevalier, p. 276). Identifico esse simbolismo da cor preta o mais apropriado no contexto da imagem. A cor vermelha é símbolo do sangue, da paixão, do sentimento, da energia vital. Associadas, as cores remetem ao princípio de vida, ao nascimento. Podem ser referentes ao nascimento a partir do caos. Os círculos concêntricos contribuem nesse sentido, em seu movimento rumo ao centro, que é o

lugar da ordem. Entretanto, a borboleta aprisionada parece indicar ainda uma dificuldade para este reordenamento.

Há ao redor da circunferência maior, três cérebros contendo borboletas amarelas dentro de cada um. Elas voam e mantêm entre si um sintonia, um movimento completo de abrir e fechar asas. Estão num fundo preto, mas estão sobre ele e não dentro. Saem. Libertam-se.

O cérebro *“é um substituto da cabeça completa”* (Chevalier, p. 222). O simbolismo da cabeça, por sua vez, refere-se ao princípio ativo, ao espírito manifestado, ao universo, ao Sol, à divindade. Para uma melhor compreensão desse simbolismo, devo associá-lo ao do número três, que é a quantidade de cérebros do desenho. O número três representa a Trindade: Pai, Filho, Espírito Santo; por isso, está associado à perfeição, à totalidade. É um número masculino. Pode indicar também os níveis da vida humana: material, racional e espiritual. Relacionados, os símbolos do três e do cérebro parecem indicar a perfeição, a divindade, o Espírito. São lugares da alma.

As borboletas, que são também, três, aparecem livres e têm a cor amarela, que indica a eternidade, a terra fértil. Em seu aspecto negativo a cor é substituída da preta, quando essa se refere à aproximação da morte. No contexto de desenho em que remetem ao vôo, à liberdade, pode indicar a eternidade da alma.

Nos fragmentos amarelos do mosaico, as joaninhas brincam. São lúdicas. Divertem-se entre as cores. Parecem alegrar a imagem. O que chama atenção sobre elas é a quantidade em que aparecem: sete. Este número simboliza um *“ciclo completo, uma perfeição dinâmica(...) indica o sentido de um ciclo concluído e de uma renovação positiva”* (Chevalier, 2005, p. 826). Seu sentido está completamente associado ao simbolismo do quatro (a terra) e do três (o céu): é a soma dos dois e, por isso, indica a totalidade do universo em movimento. Em algumas culturas, refere-se ao sagrado e à

perfeição. Na cultura africana é símbolo da unidade: soma o 4 (feminino) e o 3 (masculino), representando, assim, a perfeição humana. Reforçam a sensação de harmonia que a imagem traz.

Há três folhas em pedaços verdes de mosaico que caem do canto direito do desenho. Numa queda suave. Silenciosa. Quase não são notadas no movimento frenético das cores e imagens sobrepostas. Elas estão associadas ao simbolismo do vegetal, que é a unidade fundamental da vida (nascimento, maturação e morte).

No canto esquerdo, quieto e discreto, um gato observa o movimento. Ele está fora e observa, com serenidade. Tem um semblante tranquilo. Sua presença é forte: discreta, mas marcante. Ele indica a noção de caos primordial. Em algumas tradições está associado ao pecado, ao inferno, à morte. Em contrapartida, para alguns é símbolo do sagrado, por sua agilidade, sagacidade e capacidade de observação, vistos à favor do homem. No contexto da imagem, ele parece indicar a presença da divindade, da sapiência.

No canto oposto, uma flor vermelha equilibra a imagem sem alterar sua dinâmica. Parece inexpressiva, entretanto, carrega em si o simbolismo da alma, como centro espiritual.

Encerro a apresentação das imagens com essa que está carregada de elementos simbólicos muito fortes, que dialogam entre si e são expressões de minha alma. Se, por um lado, há aspectos do caótico e do desordenado; há, por outro, simbolismos da alma, do renascimento, do reordenamento psíquico. Vejo aqui uma relação de síntese com tudo o que foi vivenciado nas demais imagens expostas.

Nas imagens foi possível observar a repetição dos elementos que remetiam ao caos e, em oposição, aquelas que referiam-se ao reordenamento psíquico. Todas são

ricas de significados. Encontro em Barcellos, G. (Apud Abeid, 2006) uma definição para aquilo que tento esclarecer:

“O jogo de opostos também está presente ao considerarmos que, em seu trabalho, o artista tanta dar ordem e forma (ego e consciência) ao caos e o sem-forma (conteúdos inconscientes). Dessa maneira, ele é propriamente o criador e lida ao mesmo tempo com o velho e o novo, com o tempo e a eternidade” (p. 54).

Minhas produções apresentadas referem-se a um estado de desordem consequente do contado com meu conteúdo inconsciente através dos sonhos e das próprias imagens produzidas. Pode-se notar que isso esteve presente em todas as imagens, mas de forma mais amena na última, que veio carregada de simbolismos que remetem à ordem.

4.1 OS QUATRO SÍMBOLOS FUNDAMENTAIS

A série de imagens selecionadas têm diversos símbolos em comum. São eles: a cor preta, o centro, círculo/mandala, quadrado e cruz. De acordo com Chevalier (2005), esses são símbolos fundamentais do psiquismo humano, que aparecem em todas as culturas e são figuras simples sobre as quais desenvolvem-se os diversos simbolismos. Apesar de utilizar essa classificação, reconheço sua flexibilidade e opto por utilizá-la por notar em minhas produções relações fundamentais entre esses símbolos. Partindo de sua conceituação, apresento outros símbolos presentes nas imagens, afim de ampliar minha percepção sobre minhas produções plásticas.

Início o estudo dos símbolos pela cor preta, que está presente em todas imagens e me remete ao Universo Inconsciente. Nas primeiras imagens aparece de modo muito marcante, tornando-se mais ‘tímida’ nas últimas.

A cor representa, ao mesmo tempo, extremos: pode simbolizar a ausência ou a soma de todas as cores; a negação, ou a síntese; para alguns povos, o luto e, para outros,

a fertilidade. É mais comum encontrá-la como representação do negativo (frio): cor oposta a todas as cores, trevas, vazio. Para alguns povos, remete ao inferno. Ou ainda a um luto sem esperanças, uma perda definitiva: *“Instalado, portanto, embaixo do mundo, o preto exprime a passividade absoluta, o estado de morte concluído e invariante (...)”* (Chevalier, 2005, p. 740).

No Egito Antigo e na África, o preto indica a fecundidade, a vida latente: a cor da terra fértil e das nuvens inchadas de chuva. No Tarô, a cor simboliza a morte, que indica o posterior nascimento: a morte representa a força vital e prepara o acesso à vida real. Uma outra exploração do aspecto positivo da cor está entre os muçulmanos, para os quais ela simboliza a luz divina.

O preto é a cor da Substância Universal, do caos original. Aspecto de obscuridade e impureza e, ao mesmo tempo, é símbolo superior de não-manifestação e da virgindade primordial.

Do ponto de vista psicológico, o preto é a ausência de toda cor, de toda luz. *“Evoca, antes de tudo, o caos, o nada, o céu noturno, as trevas terrestres da noite, o mal, a angústia, o inconsciente e a morte”* (p.742). Enquanto caos e nada, o preto precede a criação em todas as religiões. O preto se liga à idéia do Mal que contraria a evolução desejada pelo Divino. No Psiquismo, o preto dá impressão de opacidade, espessura e peso; entretanto, indica também um aspecto positivo, de promessa de vida renovada.

O preto é o Yin no feminino chinês, associado ao terrestre, instintivo, maternal.

Em minhas imagens identifico o simbolismo da cor preta no plano da compreensão psicológica, associada à inconsciência e, ao mesmo tempo, ao caos. Sobre esse aspecto adianto que há, em minhas imagens, a presença constante de um estado caótico e ameaçador.

O caos indica o nada. Um estado de desordem total. Ao mesmo tempo, é o lugar de onde surge a vida. Está associado à origem do mundo. Tem-se que: *“O caos*

simboliza, originalmente, uma situação absolutamente anárquica, que precede a manifestação de toda forma. É o termo de uma regressão no caminho da individualização, um estado de demência” (Chevalier, p. 183).

O centro pode ser representação de uma forma ordenadora, em oposição ao caos. Em meus desenhos, pode-se observar essa função do centro, quando o movimento exterior parece caótico.

Sobre seu simbolismo, que está entre o dos símbolos fundamentais, pode-se dizer que ele representa, fundamentalmente, o *“Princípio, o centro de todos os centros que não pode ser senão Deus”*(Chevalier, p.219). Ele é o ponto inicial do movimento. É também o tesouro mais difícil de alcançar (está guardado pelo movimento de introversão da mandala em espiral). É o lugar que concentra as energias.

“O centro tampouco deve ser concebido, na simbólica, como uma posição simplesmente estática. É o foco de onde partem o movimento da unidade em direção à multiplicidade, do interior em direção ao exterior, do não-manifestado para o manifestado, do eterno para o temporal, todos os processos de emanção e de divergência, onde se reúnem, como em seu princípio, todos os processos de retorno e de convergência em sua busca de unidade.” (Chevalier, p.220)

Na psicoterapia, de acordo com Chevalier (2005), há três funções para o centro: ordenar o conteúdo psíquico do Imaginário; intencionalizar conflitos internos; ou, ainda, *“inclinam para a projeção externa, através da criação ou da ação”* (p.221).

É comum aos meus desenhos, aparecerem mandalas cujo movimento em espiral, de dentro para fora, remetem ao centro como proteção, como lugar seguro do movimento externo. O espiral: *“é signo do equilíbrio dentro do desequilíbrio, da ordem do ser no seio da mudança”*(Chevalier, p. 398). As espirais comumente têm um movimento de labirinto, o que representa: *“a evolução a partir do centro, ou involução, volta ao centro”* (Chevalier, p. 398).

Sobre as mandalas, compreendidas no simbolismo do círculo, considero importante destacar alguns de seus possíveis significados, pois aparecem em todas as imagens selecionadas de maneira bastante representativa.

Jung (1990) conceitua:

“Tudo o que se diz sobre a imagem de Deus pode ser aplicado sem nenhuma dificuldade aos símbolos da totalidade. Mostra-nos a experiência que os mandalas individuais são símbolos ordenadores, razão pela qual se manifestam nos pacientes sobretudo em épocas de desorientação ou de reorientação psíquicas. Eles exorcizam e esconjuram sob forma de círculos mágicos, as potências anárquicas do mundo obscuro, copiando ou gerando uma ordem que converte ao caos e ao cosmos. O mandala se apresenta à consciência como algo vago e puntiforme, via de regra, é necessário um trabalho demorado e meticuloso, bem como a integração de muitas projeções, até que se possa compreender de modo mais ou menos completo as proporções do símbolo.” (p.30)

Elas são configurações da força instintiva auto-curativa da psique. São uma tentativa de renovação, de restabelecer a ordem psíquica. Refere-se a um objetivo de transformar a confusão, em busca de equilíbrio.

Pode-se dizer ainda, sobre o simbolismo da mandala, que está associado ao centro da personalidade do indivíduo, à sua totalidade. Pode-se notar sua presença em vários povos e religiões, na maioria das vezes, remetendo ao divino e ao sagrado. Para os japoneses budistas:

“A mandala é uma imagem ao mesmo tempo sintética e dinamogênica, que representa e tende a superar as oposições do múltiplo e do uno, do decomposto e do integrado, do diferenciado e do indiferenciado, do exterior e do interior, do difuso e do concentrado, do visível aparente ao invisível real, do espaço-temporal ao intemporal e extra-espacial.” (Chevalier, 2005, p. 585)

Na tradição tibetana, seu simbolismo está ligado ao universo espiritual e material e à relação que esses estabelecem.

Nota-se, dessa forma, que a mandala está intimamente associada à inconsciência e à busca de equilíbrio espiritual.

Em minhas produções, pode-se notá-la no meio do caos, comumente com um movimento de fora para dentro, como uma tentativa de defesa para restabelecimento da

ordem. Na Fig. 3, há duas mandalas que surgem no caos: uma circular, com movimento para seu interior e outra quadrangular, num movimento oposto. Sobre esse aspecto, Jung define (Apud Chevalier, 2005): *“As formas redondas da mandala simbolizam, em geral, a integridade natural, enquanto a forma quadrangular representa a tomada de consciência dessa integridade”* (p.586).

Como o simbolismo da mandala está associado ao do círculo e, por isso, aos símbolos fundamentais, venho agora ampliar o simbolismo do círculo propriamente dito.

Ele remete à perfeição: *“O movimento circular é perfeito, imutável, sem começo nem fim, e nem variações: o que o habilita a simbolizar o tempo”* (Chevalier, 2005, p. 250).

Pode representar também o mundo espiritual, invisível e transcendente. Na arquitetura hindu tradicional, o círculo aparece em santuários de povos nômades e é *símbolo da animação (dar alma à vida)*” (Chevalier, 2005, p.251). Na tradição islâmica, essa é a forma mais perfeita de todas.

Na esfera psíquica: *“Jung mostrou que o símbolo do círculo é um imagem arquetípica da totalidade da psique, o símbolo do self, ao passo que o quadrado é o símbolo da matéria terrestre, do corpo e da realidade”* (Chevalier, 2005, p.254).

Sobre esse simbolismo, é importante notar que há também a idéia de proteção que assegura o que está dentro de seus limites. Esse fato pode ser observado com clareza em meus desenhos, principalmente nos dois primeiros. Em ambos remeto a forma à proteção de seu conteúdo interior de uma realidade externa ameaçadora.

Há o simbolismo dos círculos concêntricos também, que podem ser observados em minha última imagem apresentada. No zen-budismo, eles apontam para etapas do aperfeiçoamento interior, para a harmonia progressiva do espírito. Eles indicam uma concentração rumo ao centro.

Bem como as imagens circulares buscam a ordem, os simbolismos da quaternidade significam tranquilidade e ordem em oposição ao caos. Têm uma função compensadora.

A quaternidade é o simbolismo do sagrado. É a união com a Tríade Divina: Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. É o homem retornando ao criador, numa situação de evolução. A quaternidade fundamenta todo o sistema do pensamento junguiano:

“(...) ele (Jung) reconhece no número quatro, a quaternidade representando para ele o fundamento arquetípico da psique humana, isto é, a totalidade dos processos psíquicos conscientes e inconscientes.”(Chevalier, p. 762)

O simbolismo do quatro pode aparecer associado à Totalidade, à plenitude, à universalidade, é o número da perfeição divina, do completo e estabilizado. Pode relacionar-se também com a feminilidade. Nesse sentido, apresenta-se como o princípio feminino da Trindade masculina. Seu significado tem conexão com o simbolismo da cruz e do quadrado.

O quadrado, assim como a cruz, é um dos quatro símbolos fundamentais. Tem relação intrínseca com o círculo:

“(...) a eternidade é representada pelo círculo. Este, após ter servido para avaliar o ano, mediu o tempo, depois, a eternidade e, por fim, acabou por significar o infinito. O círculo e o quadrado simbolizam dois aspectos fundamentais de Deus: a unidade e a manifestação divina. O círculo exprime o celeste, e o quadrado, o terrestre.(...) Portanto, o círculo será, para o quadrado, aquilo que o céu é para a terra, a eternidade para o tempo, embora o quadrado se inscreva dentro de um círculo, o que significa que a terra é dependente do céu. O formato quadrangular nada mais é do que a perfeição da esfera sobre um plano terrestre.”(Davs, Apud Chevalier, p. 753)

O quadrado expressa a totalidade máxima. A síntese dos quatro elementos: água, ar, fogo e terra. Contém e limita todos os “totais”. É símbolo da estabilidade para muitos povos.

A partir da divisão do círculo em partes, dentro do quadrado, surge a imagem da cruz. Ela é o último dos quatro símbolos fundamentais que será tratado neste trabalho. Sua relação com os outros simbolismos pode ser assim compreendida:

“Pela interseção de suas duas linhas retas, que coincide com o centro, ela abre o centro para o exterior; inscreve-se no círculo, que divide em quatro segmentos; engendra o quadrado e o triângulo, quando suas extremidades são ligadas por quatro linhas retas.” (Chevalier, p.309)

Sua significação está completamente envolvida na simbologia da quaternidade, do quatro e do quadrado. Assim, indica também a Totalidade. É nela que se unem céu e terra, tempo e espaço. Tem, na tradição cristã, uma forte importância ao representar a paixão de Cristo. Nesse sentido, é símbolo de glória por seu sacrifício. Indica a união das naturezas humana e divina. É a união dos opostos, da totalidade do mundo.

Pode-se perceber, que a maior parte dos símbolos contidos nas imagens selecionadas, referem-se à uma tendência de introspecção como defesa a um meio externo, que aparece constantemente como caótico e ameaçador.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A arte de deixar as coisas acontecerem , da ação através da não-ação, de nos entregarmos (...)tornou-se para mim a chave que abriu a porta para o caminho. Temos que ser capazes de deixar as coisas acontecerem na psique. Para nós, esta é na verdade uma arte que poucas pessoas conhecem. A consciência está eternamente interferindo, ajudando, corrigindo e negando. Nunca deixa em paz o simples crescimento dos processos da psique.”

C. G. Jung

A psique é o segredo mais profundo que guardamos. Diz respeito à nossa vida mais íntima. Ela se expressa através de imagens que a representem. Assim, a arte revela aquilo que nem sempre é visível. Eis a porta para o caminho.

Meu caminho é infinito. Não tenho a pretensão de desvendá-lo, mas busco a porta que me leve a ele. Nessa busca, levo meus sonhos, meus sentimentos, meus pensamentos, minhas experiências, minha arte, minha expressão. Penso. Sinto. Sinto e penso. Vivo.

Tudo isso define meu trabalho. Ele é meu próprio processo de criação e reflexão. Ao conceituar arte, experienciá-la e em seguida identificar os símbolos contidos nessa produção artística descubro parte de mim. E percebo, ao mesmo tempo, minha totalidade.

Neste momento do trabalho busco apenas olhar para tudo o que foi exposto e perceber de que forma tudo isso reverbera em mim. Apenas uma expressão sensível poderia refletir meus sentimentos.

A perfeição

Clarice Lispector

*O que me tranqüiliza
é que tudo o que existe,
existe com uma precisão absoluta.*

*O que for do tamanho de uma cabeça de alfinete
não transborda nem uma fração de milímetro
além do tamanho de uma cabeça de alfinete.*

*Tudo o que existe é de uma grande exatidão.
Pena é que a maior parte do que existe
com essa exatidão
nos é tecnicamente invisível.*

*O bom é que a verdade chega a nós
como um sentido secreto das coisas.*

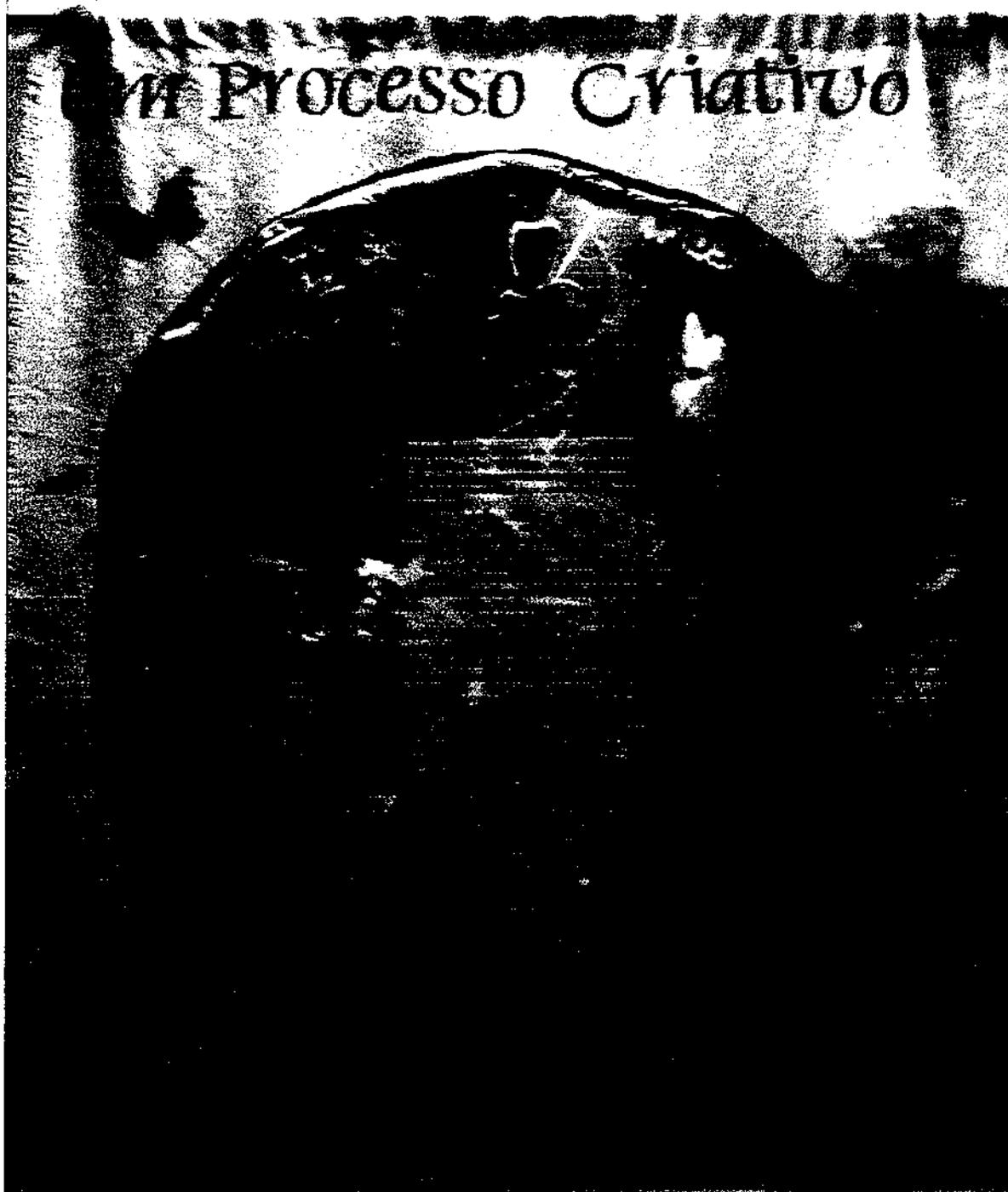
*Nós terminamos adivinhando, confusos,
a perfeição.*

A perfeição, sobre a qual fala Clarice, eu chamo de completude. É a descoberta da inteireza vivenciada através do processo de individuação. Este significa a auto-realização completa da totalidade individual e é experimentado nas realizações artísticas e nos sonhos. Através desse processo a imagem de Deus é vivenciada e começa a concretizar sua influência além do nível da consciência.

O sentido secreto das coisas, que nos fala a autora da poesia, considero nosso conteúdo inconsciente que nos é revelado como um segredo através da arte. Então, experimento a sensação do sagrado.

Apesar disso, constato a infinitude que há em mim, sobre a qual este trabalho apenas me dá indícios. Mesmo que muitos outros trabalhos sejam feitos com esse intuito, jamais terei uma conclusão porque as dimensões da consciência e da inconsciência são dinâmicas e a cada momento se apresentarão de uma forma. Não é possível, portanto, definir conceitos ou tirar conclusões sobre ele, uma vez que trata-se de refletir sobre meu processo criativo, que é imenso e não tem fim.

Para concluir a apresentação deste trabalho utilizo um painel feito para apresentar à Faculdade de Educação meu Trabalho de Conclusão de Curso. Ele não poderia ser, senão, uma expressão criativa. Nele vejo a corporificação de meu desejo inicial “*de aliar minha percepção sensível à elaboração de um trabalho acadêmico, que é reconhecido por seu aspecto intelectual*”. Ao falar à comunidade acadêmica, alio o inteligível ao sensível.



7 Texto no centro do painel: "A arte traz à tona os segredos mais profundos do indivíduo: seu conteúdo inconsciente. Através de sua manifestação, a dimensão consciente e a inconsciente se aproximam. Neste trabalho, razão e emoção se encontram. Reflito sobre meu processo criativo, contextualizando-o no conceito de arte que considero. Ao apresentar uma série de produções plásticas, faço um estudo dos simbolismos contidos. Ao compreender melhor os símbolos percebo melhor a mim mesma.

*Estou por assim dizer
Vendo claramente o vazio.
E nem entendo aquilo que entendo:
Pois estou infinitamente maior que eu mesma,
E não me alcanço.*

Clarice Lispector"

BIBLIOGRAFIA

ABEID, Lílana Valéria Crisci. **Sandplay uma expressão artística da alma: um processo de transformação simbólica das dores e amores do coração**. Campinas, SP: Unicamp, 2006.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

FRANZ, Marie- Louise Von. **Psicoterapia**. São Paulo: Papyrus, 1999.

FRANZ, Marie- Louise Von. **O caminho dos sonhos**. São Paulo: Cutrix, 2005.

JUNG, Carl Gustav. **AION: Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

JUNIOR, João Francisco Duarte. **Fundamentos Estéticos da educação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1981.

JUNIOR, João Francisco Duarte. *Linguagem e Arte in* **Por que arte-educação?** Campinas, SP: Papyrus, 1991.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do inconsciente**. Brasília, DF: Alhambra, 1981.

www.museuimagensdoinconsciente.org.br

